

Envolvidos no amor de Deus pelo mundo



Estudos

www.fatima.pt/documentacao

CORREIA, José Frazão – Envolvidos no amor de Deus pelo mundo. Em VAZ, Carla Abreu, coord. – *Envolvidos no amor de Deus pelo mundo: Itinerário Temático do Centenário das Aparições de Fátima: 4.º ciclo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013. p. 15-27.

José Frazão Correia

«...o amor esconde em si mesmo
Deus como o seu segredo»

Paul Beauchamp

«Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei a Jesus, muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria»¹. Na manhã do dia 13 de julho, «a Senhora» reanima o «fervor decaído» de Lúcia e dos primos expostos às dúvidas próprias e às desconfianças alheias, sendo as mais duras, aquelas dos mais próximos. Nossa Senhora, confirma-os e ensina-os, assinalando-os com a palavra que deverá acompanhar cada seu futuro ato de entrega: «Ó Jesus, é por vosso amor». A simplicidade desta oração, que ressoa mais autêntica na boca de crianças ou de quem é como elas, expõe o essencial do que está a acontecer na vida dos pastorinhos – nos seus corpos, afetos, relações, imaginação, compreensão das coisas e ações. E tem como alcance o mistério de Deus, que não deixa de cuidar da vida de cada um, e o mistério do destino definitivo da existência humana, profundamente dramático se separado da fonte da vida. Joga-se, portanto, a realização plena do destino do ser humano e do mundo na justa relação com Deus: a salvação *da* morte e das suas muitas manifestações; a salvação *para* a vida e para as suas muitas realizações.

Uma declaração de amor que se desenha no espaço do reconhecimento impede que o sacrifício se baste a si mesmo e a mortificação se sobreponha ao sentido da entrega a Deus pelo bem dos pecadores. O amor, a *re-conhecer* e a *co-responder* nos pequenos momentos e encontros de cada dia, é o ambiente, o motivo e o alcance, a fonte, o caminho e o cume da intercessão a que os

¹ I. LÚCIA DE JESUS, *Memórias da Irmã Lúcia I*, Fátima 2011, 87:176.

pastorinhos, radicalmente, se ligam. As crianças deixam de se poder compreender por si mesmas. E deixarão de poder viver para si mesmas. Extraordinária é a grandeza da autenticidade humana e da infância espiritual! As suas vidas passam a sentir radicalmente a vida de outros, a sentir a partir da vida de outros. O *Outro* que é Deus e os *outros* que são os pecadores passam a determinar a sua identidade. No ambiente originário do olhar misericordioso de Deus, reafirmado pela «Senhora»², aprendem a dizer, em palavras e gestos, *não posso viver sem ti* (não será esta confiança e este descentramento o lugar vital da fé?)³. Não poderão viver sem Jesus e sem ser para ele. Não poderão viver sem os pecadores e sem agir em seu favor. É o *apreço* por Jesus e pela conversão dos pecadores (a reorientação do conjunto da existência real, a partir do amor de Deus e do bem dos irmãos) que irá dispor as três crianças a oferecerem e a oferecerem-se no *preço* desta mediação. Elas próprias, inteiras, corpo e alma, serão lugar de mediação. Por amor, reconhecem-se vitalmente ligadas à sorte dos pecadores, assumem-na como sua, oferecem-se pela mudança do seu curso (vêm à memória os gestos e as palavras do bom samaritano, narrados em Lc 10,25-37). Os gestos tornarão real o amor. A palavra explicitará o sentido. Assim estendem uma ponte – estendem-se, elas próprias, como ponte – entre Deus que não deixa de amar e aqueles que não se deixam amar e não amam. E não creem, não adoram, não esperam. O espaço dramático da inimizade entre a *graça-que-salva* e o *pecado-que-mata* é habitado pela intercessão humilde do *amor que deseja a vida* para quem a perdera e, assim, quer consolar o coração de Deus, ferido de amor. Como força e forma da mediação, o amor desenhará cada *gesto* de entrega que a *palavra* «é por vosso amor» reafirmará.

«DEUS É AMOR». SEM AMOR EU «NÃO SOU NADA».

«Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele» (1Jo 4,16). Estas palavras da *I Carta de João* exprimem, com singular clareza, o centro da fé cristã: a imagem cristã de Deus e também a conseqüente imagem do homem e do seu caminho. Além disso, no mesmo versículo, João oferece-nos, por assim dizer, uma fórmula sintética da existência cristã: "Nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem"⁴.

O pórtico de entrada da Encíclica *Deus caritas est*, de Bento XVI, enuncia o essencial. O amor *diz* ou, melhor, *faz* a verdade de Deus e a sua justiça. No amor, a nossa humanidade reencontra e realiza a sua verdade. E a sua justificação. Aí, só aí, se re-encontra, verdadeiramente e de modo ajustado, com o mistério da sua origem e a memória grata do recebido – o corpo e os seus sentidos, os outros e a língua, a natureza e a cultura. E, também, como diria o poeta D. Faria, «a nota

2 «A Trindade, amor que se manifesta na história como misericórdia, confirma que a passagem de Cristo através das dores apocalípticas da história foi uma vitória, um resgate, uma ato de redenção. Por isso, os crentes não podem viver como homens a quem falta a esperança. Isto não é uma descoberta tardia ou posterior ao acontecimento-Fátima. Era o núcleo do Segredo desde o início...». E. BUENO, *Dimensão teocêntrica da mensagem de Fátima: o esplendor da Trindade*, in V. COUTINHO (coord.), *Mensagem de esperança para o mundo. Acontecimento e significado de Fátima*, Santuário de Fátima, 2012, 108.

3 Sobre a expressão «pas sans toi», veja-se M. De CERTEAU, «Autorité chrétienne», in *Études* 332/Février (1970) 268-286.

4 BENTO XVI, *Deus caritas est*, n.1.

mais aguda de um oboé que late/E o uivar dos lobos/E a noite. E o dia depois dela...»⁵. Quando libertos da suspeita e salvos do orgulho, nas muitas experiências efetivas do amor, pode chegar-se a reconhecer que tudo é graça; por fim, até os limites, as perdas e o custo real da vida de cada dia e de cada relação. No amor, a humanidade reencontra-se com o húmus da sua terra, com a história feliz dos encontros que geram a vida e os momentos bons que tecem a vida de cada dia. De forma justa, aqui se reencontra, também, com o mistério do seu destino e com a responsabilidade da tarefa criativa de dar uma forma sensata à promessa que sustenta e move a existência. Criados à imagem e semelhança de Deus que é amor, trazemos no corpo e na alma a marca indelével desta origem que nos constitui e nos espera, resgatando-nos a partir do que ainda nos poderá fazer ser. Por isso, é na fecundidade do amor real, aquele que se vive quotidianamente como recebido e como dado, que o homem e a mulher se reconhecem e se reencontram em verdade, também com a natureza que habitam. Aí, só aí, podem desenhar e realizar um estilo de vida capaz de viver do reconhecimento do dom de Deus e da geração da vida na vida de outros, precisamente daquela vida que bebe do mistério originário do amor e a ele suspira como seu destino.

Modelados «da nossa terra pura e fecunda» e embalados pelas «mãos maternais de Deus» – são expressões felizes de A. Couto – «o beijo de Deus no rosto do homem» é «o sentido que nos habita e habita o mundo, que nos faz ser e faz ser o mundo», é «a razão boa e a intencionalidade boa que nos anima e anima o mundo, que nos ama e ama o mundo»⁶. Eis Deus e o mais elementar do ser humano e do mundo, o seu princípio e fundamento. É, sem equívoco, a dupla palavra da revelação. «Deus é amor» (1Jo 4,16). Sem amor, eu «não sou nada» (1Cor 13,2). Nesta verdade, que de abstrato nada tem, se decide, concretamente, o que somos e o que ainda poderemos vir a ser. Mas eis, também, o motivo mais íntimo da fé cristã quando, na trama da própria existência, alguém chega a *re-conhecer* e a decidir-se pelo amor incondicional que Deus *lhe* revela quando *se lhe dá* e, assim, se *diz* nas palavras e nos gestos de seu filho encarnado, Jesus de Nazaré. A linguagem da autorreferencialidade e a morte que esta traz consigo (o pecado que mata) converte-se à linguagem do Crucificado que se recebe do Pai e daqueles que encontra no caminho e se dá, até ao fim, pela vida de todos, nenhum excluído (a graça que salva).

Exposto a esta *verdade crucificada*⁷, o crente chega ao reconhecimento de que é amado por Deus, desde sempre e quando ainda era pecador (cf. Rm 5,8). E assim reconhece que tal amor é a possibilidade originária do seu poder amar os outros e a vida e o mundo e o próprio Deus. Sabe que pode amar, porque reconhece, comovido e grato, que já é amado desde o seio materno. A declaração de amor que gera a sua profissão de fé, "Deus ama-te, por ti dá a vida", não é letra morta, enunciado sem significado ou eco indistinto, porque a sua força regeneradora *lhe* vai tocando cada membro

5 D. FARIA, *O livro do Joaquim*, Quasi, Vila Nova de Famalicão 2007, 68.

6 A. COUTO, «Da posse e do furto ao dom e ao fruto», 29,33.

7 Cf. G. RUGGIERI, *La verità crocifissa. Il pensiero cristiano di fronte all'alterità*, Carocci, Roma 2007.

do corpo e os seus sentidos e as fibras mais íntimas da alma. Comove o afeto e alegra a inteligência, sacia o desejo e move a liberdade que, libertando-se da suspeita e da falsidade (*pecado*), se dispõe a viver sob o olhar bendizente de Deus, no desejo e na disposição de o amar em todos e em todas as coisas e de amar, a todos e a todas as coisas, n'Ele, até que Deus chegue a ser «tudo em todos» (1Cor 15,28), toda a vida na vida de todos. Dispondo-se a esta verdade originária e decidindo-se por ela, o homem e a mulher que vivem da fé em Jesus Cristo movem-se no reconhecimento de que Deus os ama desde sempre, antecipando a sua própria possibilidade de lhe *co-responder* amorosamente. Ainda que única e livre, sabem que a resposta que derem é, ela mesma, sustentada pelo amor de Deus que precede e funda a possibilidade de lhe co-responderem. Reconhecem que, na verdade, podem amar, porque são amados. Poderão gerar, porque são gerados e perdoar, porque são perdoados. Poderão dar-se, porque são dados à luz e recebem o que são do que Deus e os outros são para eles. Este é, pois, o lugar primeiro e último onde a existência se decide. Quem confiar no amor que aprecia, gera e resgata a vida e a ele se confiar será salvo. Quem duvidar e dele se separar, defendendo a vida só para si, mesmo à custa da vida de outros, perder-se-á.

O AMOR QUE DEUS É. O AMOR QUE (NOS) FAZ SER.

De Deus, dizem-se tantas coisas. Por isso, como sugere E. Salmann, «deveremos ouvir o coro imenso dos gritos, das orações e das blasfêmias, das invocações e das conclusões filosóficas, a gaguez e a eloquência que acompanham esta palavra»⁸: Deus. Hoje, para muitos Deus é indiferente, vazio, irrelevante. Para outros, continua a ser imprevisível e ameaçador. Por Ele se morre e por Ele ainda se mata. Às crianças diz-se que é amigo. Há quem diga que, por ser Absoluto, é insensível a qualquer afeto e desligado de qualquer laço. Já se disse que é motor imóvel – sem se mover, tudo põe em movimento. É possível que seja o Sumo bem e a Suma beleza, modelo perfeitíssimo e puro que fascina e que atrai, ainda que intocável e inalcançável. Ouvimos dizer, também, que é causa de si mesmo e que subsiste só por si. Que é espaço amorfo, ambiente materno, o nada onde seremos tudo ou o tudo onde seremos nada. Que é projeção das nossas ambições e dos nossos medos. Sendo tanto e tantas coisas, para uns, é demasiado. Para outros, é demasiado pouco. É abstrato e distraído, afastado e apático. É coisa sempre à mão e é fetiche. É fascinante e é tremendo.

Dito tudo isto, entre o muito mais que poderíamos dizer, há ainda perguntas que permanecem. Se Deus fosse mera explicação para o que ainda não sabemos, mereceria o melhor de nós mesmos? Se não fosse mais do que o resultado argumentativo da nossa inteligência ou do que a magia de um momento gratificante ou do que o fugaz arrepiado da alma, mereceria que lhe entregássemos todo o nosso afeto? Se fosse a resposta predefinida para todos os problemas, o tapa-buracos da nossa incompreensão dos mistérios do universo e da existência, mesmo que animando a mente, poderia reconfortar a vida? E se fosse uma espécie de mãe galinha que abafa as suas crias, não

⁸ E. SALMANN, *Contro Severino. Incanto e incubo del credere, Piemme, Casale Monferrato 1996*, 195.

lhes deixando espaço para o respiro e o crescimento, poderíamos sentir-nos livres na sua presença e confiar na gratuidade dos seus dons? Se fosse onipotente como são os reis poderosos ou mandão como são os pais tiranos, não nos levaria a fugir à primeira oportunidade? Se Deus não estivesse nos inícios como bênção e se não acompanhasse o caminho real dos homens e mulheres que existem, através dos abismos e das fraturas da sua humanidade, e se não abrisse a possibilidade de uma esperança que reconforte o coração, depois de uma difícil e longa jornada, como poderíamos confiar n'Ele e como poderíamos confiar-nos a Ele? Outra coisa é se Deus for dádiva de si e que, por isso, cria o mundo e o aprecia na sua diferença e gera a vida na vida de cada um, também na daqueles que o olham com indiferença e, até, com inimizade, e a aprecia ainda mais; se for ternura que deseja a alegria e que abençoa a inventividade humana; se for descrição da liberdade que dá tempo ao tempo de cada um, que dá a palavra para que cada um chegue dizer-se e as capacidades para que venha a ser o que pode ser; se for afeto que sacia o desejo mais íntimo de relações justas e que gera um laço ajustado de mútuo reconhecimento... Se for assim, então, Deus acabará por encontrar lugar no melhor de nós mesmos e o desejo de vida que há em nós chegará a reconhecer-se *salva-guardado* n'Ele e por Ele.

E o humano? Hoje, como no passado, direta ou indiretamente, continuamos a perguntar pela verdade da nossa humanidade e do desejo que nos move, pela razão da nossa origem e pelo sentido do nosso destino, pela forma ideal do bem e pelo sentido da liberdade. O diagnóstico, também aqui, seria múltiplo. Ainda assim, poderíamos destacar um traço do ambiente cultural que partilhámos, que, creio, é motivo bastante para nos deixar apreensivos.

O teólogo P. Sequeri identifica a figura mitológica de Prometeu como representativa do homem e da mulher modernos, aquele que rouba o fogo aos deuses para o dar aos homens. Desafia o limite, violando a proibição e rompendo o encantamento de divindades ciumentas. O resultado é o castigo. Também Dionísio poderia avançar traços marcantes do ideal moderno, mas pela faceta da celebração da força da vida e das forças vitais da natureza. Assim, vai, também ele, ao encontro da sua destruição. Fica-lhe, porém, o prazer de se jogar na vertigem sem limites, o gozo da autonomia radical, bebido até à última gota. Outra é a figura do homem e da mulher pós-modernos, Narciso, aquele que «vive do seu próprio encantamento: não suporta o incómodo dos afetos e o trabalho do reconhecimento, as expectativas do outro distraem-no do cuidado de si mesmo». Na realidade, vive mal, fechado no cuidado de si, no reflexo da sua imagem, ora exuberante, ora deprimida, tornando-se «perfeitamente insensível e afetivamente indiferente». Narciso vive fazendo-se adorar, mas não repara em ninguém nem ama ninguém. «O mito, justamente, assinala a diferença. Prometeu deve sofrer a sua transgressão, mas permanece vivo. Narciso, pelo contrário, afoga-se no seu tédio, como um farrapo na água»⁹. O mundo encantado de Narciso, alimentado

9 P. SEQUERI, «Giustizia della fede: educazione sentimentale e cristianesimo», in AA.VV., *Cristianesimo e Occidente. Quale futuro immaginare?*, Glossa, Milano 2011, 117.

pelas inúmeras possibilidades da técnica e pelos muitos recursos da sociedade de consumo, vive obcecado pela imagem e pela realização de si. Mas, antes ou depois, esta acaba em frustração. Narciso não reconhece o amor. Narciso não ama. Na contemplação solitária de si, afoga-se em si mesmo. Fechando-se, morre. Sozinho. Estéril.

Movidos por tal narcisismo *auto-referencial*, sem sonho nem rasgo, sem apreço nem disponibilidade a pagar o preço por aquilo que se aprecia, sem criação nem geração, poderia acontecer que imaginássemos Deus, também Ele, como autorreferencialidade absoluta e apática, de facto, um Narciso Absoluto, sem afetos que o *co-movam* nem laços que o liguem. Mas estaríamos muito longe do traço bíblico do amor que se realiza como apreço e como dom que cria e recria, que gera e regenera. Nesse ídolo, a perfeição e a santidade viveriam protegidas de qualquer relação de afeto, de todo o laço livremente correspondido. Mas que perfeição e que santidade seriam?

Estas e outras imagens do divino e do humano encontram-se e embatem no juízo do *Evangelho*. Chegar a *reconhecer a verdade de Deus na justiça da dedicação de Jesus* e chegar a reconhecer, aí, a *verdade e a justiça da nossa humanidade* exige superar escândalos, não apenas aqueles criados pelo imaginário individual e cultural do divino, mas, também, aqueles cultivados por ritos sagrados, argumentados por teologias e protegidos por poderes religiosos. O amor do Filho encarnado, quando aceita ser identificado com a impotência humana, para que não seja confundido com a prepotência divina, assume distância clara do Deus *ab-soluto*, separado e apático, que não fala com mulheres samaritanas nem se deixa tocar por leprosos, que não entra em casa de publicanos, mas que, para preservar a própria ordem e o seu direito, é capaz de fazer cair torres para punir pecadores. Por isso e com a mesma tenacidade, se impede que a inteligência da fé possa identificar o amor revelado em Jesus como complemento sentimental do ser de Deus ou apêndice accidental da liberdade divina. Do mesmo modo, na revelação que Deus é amor e que sem amor, nós, não somos nada, não se joga uma afirmação simpática e agradável a ouvidos delicados, sentimental e culturalmente correta, mas, antes, a conversão à identificação do *Ser* com o *Amor*.

Como também frisa P. Sequeri, no horizonte do dogma cristão, a palavra originária do ser não é a *substância* que se causa a si mesma (*causa sui*) e que *sub-siste ab-soluta*, isolada na sua riqueza e *auto-suficiente* em todas as suas perfeições. Tendo tudo, não precisa de ninguém. A palavra originária do ser não é o amor que se ama a si mesmo, mas é «a geração do Filho»¹⁰, *o amor que faz ser o diferente de si e se alegra nele*. Desde sempre, Deus é *amor-que-gera*, Pai que gera o Filho, não Pai que se causa a si mesmo e *sub-siste* sozinho. Com o primeiro Concílio Ecuménico de Niceia, em 325, contra Ário, a ortodoxia da Igreja reviu-se na confissão de que não houve momento algum em que Deus não fosse Pai que gera o Filho e Filho gerado pelo Pai. Desde sempre, Deus

10 P. SEQUERI, «Giustizia della fede», 137.

é *amor-gerado*, Filho gerado pelo Pai, não Filho que se gera a si mesmo. Desde sempre Deus é *amor-que-gera-e-que-é-gerado*, Espírito Santo que não procede de si mesmo nem é anulado pelo Pai e pelo Filho, mas é o Respiro fecundo da Paternidade e da Filiação, a força e a forma vital do amor que circula *entre* Pai e Filho. Cada um é o que é, porque se recebe de outro, porque é para o outro. Nenhum vive separado do outro. Nenhum se funde ou se confunde com o outro. Diferença e relação dão forma à perfeição, na «perfeita aceitação recíproca, até à identidade: um só Deus»¹¹. Aqui, na intimidade da vida trinitária, onde há lugar afetivo e efetivo para o diferente, sem defesa nem ciúme, *existir segundo a lei do amor* encontra a sua origem primeira, a sua medida permanente, o seu destino último.

É o amor que «sustenta a eterna geração do Logos e a criatividade do Espírito»¹² (à palavra amor, Sequeri prefere o termo grego *agápe* ou *pró-afeição*, dada a desvitalização sentimentalista a que a palavra *amor*, hoje, está sujeita). É, pois, o amor que diz, agindo, a palavra que tudo cria e que traz Adão e Eva à vida. É ele que estabelece a aliança que jamais passará. É o amor que gera o Verbo no ventre de Maria. É o amor que salva a vida de leprosos e de mulheres e de homens de má vida e que leva Jesus à entrega da própria vida na cruz. Assim nos resgata de todas as formas de mal, a maior de todas, a morte pelo pecado. É o amor derramado nos nossos corações pelo Espírito que nos foi dado que nos santifica. É ele que sustenta o testemunho da Igreja. Interessa, assim, relembrar que o amor de Deus se apresenta e se representa como *apreço que faz ser-em-ação-de-gerar*, desde logo «a partir do ato de *criar* (e de recriar e de redimir e de realizar para lá de toda a expectativa imaginada) o *habitat* para o humano e o humano [criado] à sua imagem, inscrevendo o seu sopro nele»¹³. O *amor* é este *ser-assim*, a razão primeira e a lei constituinte de cada homem, mulher e grupo humano e de todas as coisas saídas das mãos do Criador. No *amor que nos gera* à vida e no *amor que nos faz gerar a vida na vida de qualquer outro*, todos, somos salvos. Deste amor, nada se perderá, porque *é* desde sempre e *é* para a eternidade

O APREÇO QUE DISPÕE A PAGAR O PREÇO.

Com esta chave, a Oração Eucarística IV desenha o movimento da revelação, expondo a dinâmica dos mistérios cristãos. Ainda que longa, valerá a pena recordá-la na íntegra.

«Nós Vos glorificamos, Pai santo, porque sois grande e tudo criastes com sabedoria e amor. Formastes o homem à vossa imagem e lhe confiastes o universo, para que servindo-Vos unicamente a Vós, seu Criador, exercesse domínio sobre todas as criaturas. E quando, por desobediência, perdeu a vossa amizade, não o abandonastes ao poder da morte, mas, na vossa misericórdia, a todos socorrestes, para que todos aqueles que Vos procuram Vos encontrem. Repetidas vezes fizestes aliança com os homens e pelos profetas os formastes na esperança da salvação. De tal modo amastes o mundo, Pai santo, que chegada a plenitude dos tempos, nos enviastes como Salvador o vosso Filho Unigénito: feito homem

¹¹ S. MORRA, *Parole intorno al pozzo. Conversazioni sulla fede*, San Paolo, Cinisello Balsamo 2013, 67.

¹² P. SEQUERI, *Ritrazioni del simbolico. Logica dell'essere-preformativo e teologia*, Cittadella, Assisi 2012, 95.

¹³ P. SEQUERI, *La giustizia di agápe. L'ago religioso della bilancia*, Servitium, Roma 2010, 35.

pelo poder do Espírito Santo e nascido da Virgem Maria, viveu a nossa condição humana, em tudo igual a nós, exceto no pecado; anunciou a salvação aos pobres, a libertação aos oprimidos, a alegria aos que sofrem. Para cumprir o vosso plano salvador, voluntariamente Se entregou à morte, e com a sua ressurreição destruiu a morte e restaurou a vida. E a fim de vivermos, não já para nós próprios mas para Ele, que por nós morreu e ressuscitou, de Vós, Pai misericordioso, enviou aos que n'Ele creem o Espírito Santo, como primícias dos seus dons, para continuar a sua obra no mundo e consumir toda a santificação».

É *o-amor-que-Deus-Trindade-é* que tudo traz à vida, que tudo restitui à vida e que tudo mantém em vida, até que, por Jesus e no Espírito, chegue a ser tudo em todos. Assim a criação. «YHWH-Deus modelou o homem do pó do solo, e soprou nas suas narinas um alento de vida, e o homem tornou-se um ser vivo» (Gn 2,7). «Descrição de sonho», regista A. Couto. «Eis o homem. Ser homem assim é nascer, viver e morrer "à boca de Deus" (Nm 33,38; Dt 34,5), sempre como um beijo de Deus, incrível intimidade com Deus». Eis a «força constitutiva do primeiro dom de Deus» sem a qual «não nos resta senão a natureza com os seus determinismos, a violência, o fatalismo, a idolatria, que é a recondução da existência humana para dentro do princípio natural, enfim, a vitalidade da morte»¹⁴. O dom que exprime a verdade do amor é a gramática da criação. Exprime a alegria de Deus por gerar o diferente de si e de estar entre os homens. A criação não é, por isso, emanação, exuberância de um ser narcisista que age para se olhar ao espelho. Não é produção funcional de umas tantas coisas que devem servir para alguma coisa. O poder criador de Deus não é o cálculo ou o interesse, mas o apreço que leva ao dom de si, dom que vive, também ele, de apreço, na forma da confiança reconhecida e correspondida, da generosidade de um afeto grato, capaz de gerar um laço de mútuo reconhecimento. Porque a resposta que o dom implica não tem a forma da posse, mas a do reconhecimento; potência tão humilde, a de Deus criador¹⁵! Potência do não possuir para si, mas do dar e do dar-se a si mesmo com o dom que se dá ao reconhecimento de um outro. «Deus deu-me por amor, para que eu receba por amor. Deu-me o mundo por amor, para que eu o receba por amor»¹⁶.

Nesta *lei* está, precisamente, a possibilidade do pecado. Como afirma P. Beauchamp, «existe uma lei do amor que leva Deus a deixar ao homem a possibilidade de pecar»¹⁷. O dom da criação tem o seu cume na liberdade do ser humano que pode perverter o dom. A inveja e o medo podem ocupar o lugar vital da confiança. «Eu quero ser Deus *porque* Deus é definido como aquele que não quer que eu seja como ele»¹⁸ (cf. Gn 3,1-7). A voz da suspeita faz o seu caminho, fazendo ressoar a falsidade. «O homem, desde o início do esplendor do primeiro dia da criação, suspeitou, sem mo-

14 A. COUTO, «Da posse e do furto ao dom e ao fruto», 29-31-32 (a trad. de Gn 2,7 é a mesma proposta pelo autor, p. 29).

15 Cf. R. REPOLE, *Il pensiero umile. In ascolto della Rivelazione*, Città Nuova, Roma 2007, 55-124.

16 A. COUTO, «Da posse e do furto ao dom e ao fruto», 34-35.

17 P. BEAUCHAMP, *L'un et l'autre Testament. 2. Accomplir les Écritures*, Seuil, Paris 1990, 148.

18 P. BEAUCHAMP, *L'un et l'autre Testament*, 143-144.

tivo, mas convenceu-se de que o motivo existia e, desde então, começou a vê-lo»¹⁹. Deus que cria por amor e que, por amor, concede ao ser humano a dádiva da liberdade, capaz de o reconhecer e de lhe corresponder, amando, passa a ser *pre-sentido* e *entre-visto* como poder que, se se perder, levará Deus a deixar de ser Deus. «Assim, o pecado apresenta-se como vontade de matar Deus, acusando-o de ser o inimigo da nossa vida»²⁰. O amor reconhecido deixa de bastar para alimentar a confiança. Quer-se a prova que não pode ser conhecida, mas, apenas, acreditada: «que se é amado»²¹. Porque o amor vive de fé, o afeto de apreço e os laços de confiança. Só pode ser reconhecido e correspondido. Eis a sua força. Eis a sua humildade.

Admiravelmente, diante da suspeita e da inveja, Deus cose vestidos verdadeiros (Gn 3,21), para cobrir a nudez de Adão e Eva que se veem indefesos na sua fragilidade, envergonhados pelos seus limites, inseguros na sua relação. No quadro que este gesto desenha, contemplamos Deus como justiça que não cessa de justificar o ser humano. Neste amor dedicado e delicado está a verdade de Deus, o apreço que motiva a disposição a pagar o preço. Fora deste amor, Deus não está. Fora deste amor, o homem e a mulher não estão à altura de si mesmos, como não estão à altura da criação. Esta será a história da salvação. Recorrendo, ainda, às palavras de A. Couto, «Deus não abandona esta humanidade invejosa e pecadora, não espera por ela à porta da eternidade, mas vem ao seu encontro como ela é, respeitando-a e assumindo a imagem falsa que esta humanidade invejosa e mentirosa fez de Deus». É longa a viagem da condescendência de Deus, desde Abraão, passando pela lei e os profetas e tantos personagens, com as suas histórias de vida e de fé, até Jesus Cristo, em quem «tudo se vê melhor», porque é o Filho (Gl 4,4-6) «que radicalmente se recebe (Jo 10,18; Ap 2,28) e radicalmente se entrega (Jo 10,17; Gl 1,4; 2,20; Ef 5,2.25; Tt 2,14), constituindo assim o acontecimento decisivo da humanidade, "plenitude" (*pleroma*) do tempo e do mundo, maturação da "salvação" (*sôteria*)»²².

Descendo ao abismo da entrega do Filho amado, o amor do Pai pela humanidade inteira e pelo seu mundo alcança o seu cume. O mais alto no mais baixo. O mais íntimo no mais exposto. O mais digno no mais humilde. A todo aquele que reconhecer tal dom e, livremente, se lhe abandone, este amor-que-salva comunica a plenitude da vida (cf. Jo 3,16). Como precisa C. Doglio, «o ser de Deus manifesta-se como *agápe*, fez-se conhecer como "pró-afeição originária" e, no laço da história de Jesus com a história do mundo, revelou a beleza originária deste laço afetivo como saída de si, abertura ao outro e destinação à familiaridade consigo mesmo»²³. A perfeição de Deus

19 P. SEQUERI, «La storia de Gesù e la rivelazione dell'abbà-Dio», in G. ALGELINI – M. VERGOTTINI (ed.) *Un invito alla teologia*, Glossa, Milano 1998, 141.

20 P. BEAUCHAMP, *L'un et l'autre Testament*, 145.

21 P. BEAUCHAMP, *L'un et l'autre Testament*, 147.

22 A. COUTO, «Da posse e do furto ao dom e ao fruto», 52.

23 C. DOGLIO, «La scelta de dire *agápe*. Figure linguistiche dell'originario evento cristiano», in P. SEQUERI (ed.), *Esteriorità di Dio. La fede nell'epoca della 'perdita del mondo'*, Glossa, Milano 2010, 99.

coincide com o Seu afeto, um laço que liga pelo reconhecimento²⁴. Afirma S. Paulo que Deus nos demonstrou o seu amor pelo facto de, quando ainda eramos pecadores, Cristo ter morrido por nós (cf. Rm 5,8). E S. João confirma que Deus manifestou o seu amor quando mandou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que tivéssemos a vida por meio dele (cf. 1Jo 4,9). É este apreço de Deus pelo ser humano e pelo seu mundo que dispõe Deus a pagar este preço. E recordemos com G. C. Pagazzi que «o mundo da carne do Filho não é só a humanidade, mas *todas as coisas* que viu, sentiu, gostou, tocou, cheirou», o mundo real com o qual esteve em *con-tacto* sensível, porque o «Redentor não é o Filho de Deus, mas o Filho de Deus encarnado»²⁵. Neste sentido, «a nova lei do amor é tão antiga como a criação, quando Deus viu que todas as coisas eram boas, surpreendendo-se com a sua admirável honorabilidade, maravilhando-se com o seu valor». Esse é o apreço que, desde o início, dispõe Deus a oferecer-se no próprio Filho, só para não perder o homem e a mulher e o seu mundo que ninguém como o Filho encarnado amou tanto. «No originário *a-preço* de todas as coisas já vibrava o *preço* do Filho, do Mediador que em todas as coisas do Seu mundo via um tesouro, uma pérola digna de levar a vender todos os Seus bens (Mt 13,44-46), a Sua própria vida»²⁶. Desta vida vivemos.

A experiência de ser amado e de amar restitui o homem e a mulher, seres sensivelmente espirituais e espiritualmente corpóreos, à graça da criação, à fecundidade das relações, ao gosto da vida a fazer-se em cada encontro, nas palavras e nos gestos de cada dia. Pelo amor e no amor aprendemos a *ver* mais e melhor, como quem *entre-vê* o sentido por entre linhas curvas; a *tocar* justamente cada coisa, acontecimento e pessoa, como quem é tocado por um dom surpreendente e sempre mais do que necessário; a *escutar* como quem *pre-sente* a promessa de cada palavra no timbre e na modelação justa dos sons que a anunciam e, claro, em cada silêncio; a apreciar melhor e em cada parcela da realidade o gosto e o perfume da bênção que as coisas, os acontecimentos e as pessoas são. Como a amada e o amado do *Cântico dos Cânticos* que *re-entram* no Jardim do Éden, não pela nostalgia das origens perdidas, mas pela vitória do amor sobre o egoísmo, da graça sobre o pecado, da confiança sobre o medo, do desejo ordenado em Deus sobre o desejo desordenado pelo próprio amor, querer e interesse. O amor recebido e retribuído permite reencontrar a dimensão corpórea e relacional da nossa humanidade, com os seus ritmos quotidianos e os seus lugares comuns, onde se dá, de facto, a experiência de Deus. E permite reencontrar o mundo como casa onde sentimos ser de casa e nos sentimos em casa²⁷, o espaço acolhedor e hospitaleiro, onde a posse cede, de novo, o lugar ao dom e o furto ao fruto²⁸. Assim pode amar-se Deus em todas as

24 Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de afeto. Variações sobre um tema vital*, Paulinas, Prior Velho 2013.

25 G. C. PAGAZZI, «In principio la mediazione. Sulla logia della redenzione», in E. SALMANN, *Memorie italiane. Impressioni e impronte di un cammino teologico*, Cittadella, Assisi 2012, 235.236.

26 G. C. PAGAZZI, «In principio la mediazione», 241.

27 Cf. G. C. PAGAZZI, *Sentirsi a casa. Abitare il mondo da fogli*, EDB, Bologna 2010.

28 Cf. A. COUTO, «Da posse e do furto ao dom e ao fruto».

coisas e amar todas as coisas em Deus. A história pode recomeçar, agora, com coisas novas e ainda mais belas do que aquelas criadas no início²⁹. Porque o amor é sempre novo e faz novas todas as coisas e não fica indiferente a quem dele se separa. «É um olhar "original" porque vê profundidade e significados que quem não ama não é capaz de entrever. Mas é "original", também, porque reenvia para a experiência das "origens", participando do olhar de Deus sobre a bondade e a beleza da criação», o tal *apreço* que diz a modelação originária do amor. «Se existe um *pecado original* [...], também existe um olhar original sobre a realidade que deve ser absolutamente recuperado». E um escutar e um tocar e um saborear e um cheirar originais. E um estilo de encontros e de relações e de modos de habitar o mundo original. Assim, «só o amor, como fruto da ação do Espírito, está à altura de iluminar os sentidos e a mente, de conduzir a um discernimento autêntico e a uma ação consequente»³⁰, inspirando e conformando, assim, o estilo "vivível" e visível de uma existência assinalada pela graça que salva.

Quem vive no amor, tão bem situado e tão grato, tão humilde e tão generoso, tão atento e tão ativo (não confunde a relação com Deus com alienação, nem o espiritual com o desencarnado), poderá dizer, em palavras e gestos, no corpo e na alma, «Ó Jesus, é por vosso amor». Professando a fé, declarando o amor, como Pedro: «Senhor, tu sabes tudo, bem sabes que te amo» (Jo 21,17), sabendo que, agora, permanecem a fé, a esperança e o amor, mas que maior que todas as coisas é o amor (cf. 1Cor 13,13). Não tendo outra casa onde sentir-se em casa, além desta pobreza alegre de viver, dia a dia, sob o olhar misericordioso do amor de Deus, ao qual *co-responde* em confiança, nem outra almofada onde descansar a cabeça do cansaço da vida, que não lhe será poupado, poderá rezar com as palavras de S. Inácio de Loyola, sugeridas como vértice do longo percurso dos seus Exercícios Espirituais.

«Tomai, Senhor, e recebi toda a minha liberdade, a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade, tudo o que tenho e possuo; Vós mo destes; a Vós, Senhor, o restituo. Tudo é vosso, disponde de tudo, segundo a vossa inteira vontade. Dai-me o vosso amor e graça, que esta me basta» (n. 234).

A oração nasce do amor e tende para o amor. Quem tudo recebe e se recebe com gratidão (ser assim, é chegar a ser filho) poderá oferecer o que tem e oferecer-se a si mesmo com grandeza de ânimo. Em *Deus-amor-que-nos-faz-ser-no-amor*, a história de vida de cada um e de cada comunidade poderá desenhar-se como ato de apreço, de acolhimento e de entrega confiada – de intercessão, de mediação – aos homens e mulheres que existem (não àqueles que se idealizam ou que se gostaria que existissem), neste tempo concreto da nossa história coletiva. Assim se dirá o amor e se realizará a salvação, fazendo-se eucaristicamente corpo (um estilo de vida eucarístico), nas relações e na família, na política e na cultura, na economia e nas ciências, nos ofícios e nas

29 Cf. Y. SIMOENS, *Il libro della sapienza. Il Cantico dei cantici. Una lettura antropologica e teologica*, EDB, Bologna 2005, 14.

30 Cf. R. FORNARA, «Profumi e sapori dell'Eden. L'enigma dei sensi dalla Genesi al Cantico», in R. MONTANARI (ed.), *I sensi spirituali. Tra corpo e Spirito, Glossa*, Milano 2012, 79-92.

artes, como o Verbo que se faz carne para alimentar a vida de cada um, sobretudo dos que vivem sem alimento e que, só por si, não o conseguem alcançar. Cume e fonte da vida *con-formada* à vida de Jesus Cristo (é assim que se torna humana), re-cria cada pessoa, coisa e lugar, bendizente e fecundo. O amor salva-guarda a vida. Para que floresça, amável, como amável é a sua Origem e o seu Destino. *Ó Jesus, é por vosso amor e por amor de todos os que amais.*